

Desafios da vitivinicultura brasileira

Sérgio Eduardo Silveira da Rosa e Pedro Martins Simões

<http://www.bndes.gov.br/bibliotecadigital>

DESAFIOS DA VITIVINICULTURA BRASILEIRA

Sérgio Eduardo Silveira da Rosa
Pedro Martins Simões*

** Respectivamente, gerente e estagiário de economia do Departamento de Bens de Consumo e de Serviço da Área Industrial do BNDES.*

VITIVINICULTURA

Resumo

O artigo analisa a situação atual da vitivinicultura no Brasil relativamente ao contexto internacional e com ênfase no setor de vinho.

As peculiaridades do mercado de vinho brasileiro são tratadas com destaque, principalmente a predominância de vinhos elaborados a partir de espécies de uvas nativas da América do Norte. Discute-se também o impacto sofrido pela indústria na década de 1990, em decorrência da abertura comercial e das mudanças verificadas nos padrões de consumo. Finalmente, examina-se o potencial de consolidação e fortalecimento do arranjo produtivo local em formação na Região Serrana do Rio Grande do Sul.

A vitivinicultura brasileira passou por grandes transformações nos últimos anos, devido, entre outros fatores, à maior penetração dos vinhos importados e às mudanças muito acentuadas na preferência dos consumidores. A evolução desse setor será determinada, em grande medida, pelo comportamento dos fatores mencionados, sendo possível afirmar que os próximos anos serão decisivos para a consolidação da vitivinicultura no país. Isso é particularmente verdadeiro para o segmento vinícola, que enfrenta sérias dificuldades no que diz respeito à concorrência com as importações.

O setor vitivinícola brasileiro apresenta algumas características marcantes, que provavelmente serão importantes para o seu futuro. Assim, a produção de vinho – embora não a de uva – está muito concentrada em uma região relativamente pequena do Rio Grande do Sul, com potencial para constituir um arranjo produtivo local. Além disso, a produção de vinho no país é preponderantemente obtida de uvas americanas e híbridas, ao contrário do que ocorre em praticamente todos os demais países produtores, nos quais são utilizadas videiras européias (*Vitis vinifera*).

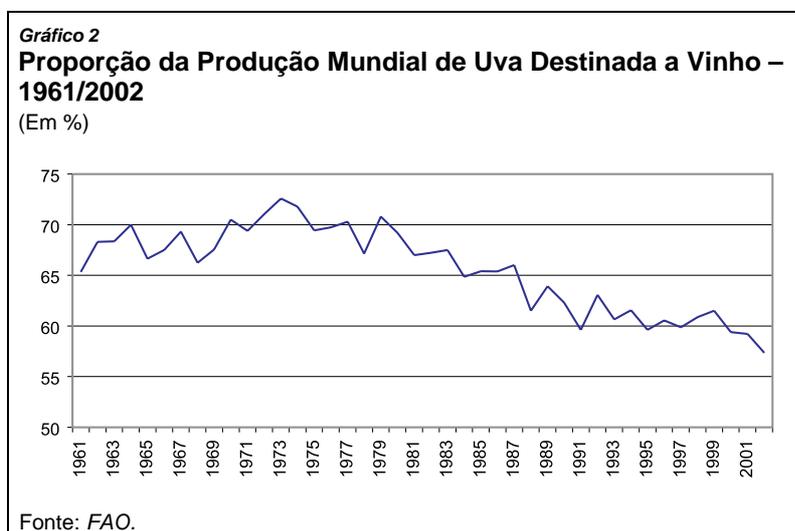
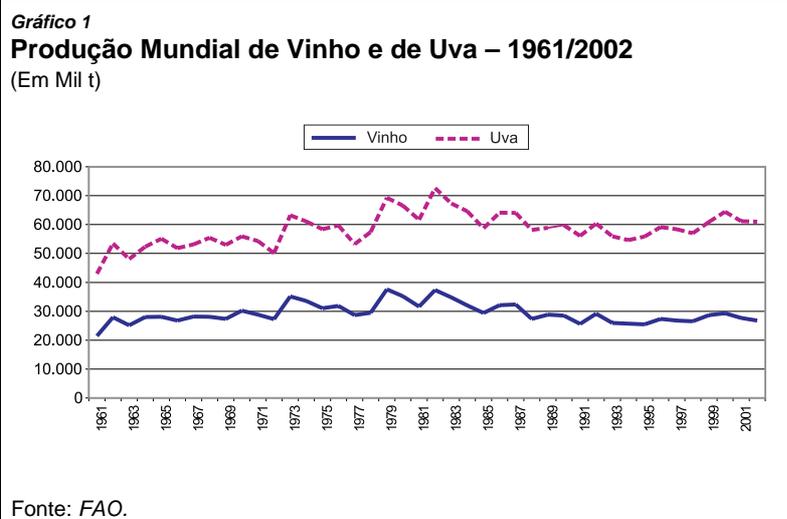
O presente artigo está estruturado de modo a abordar os aspectos mencionados. Após um breve panorama da viticultura mundial, será analisada a situação do setor no Brasil, incluindo os segmentos de uvas de mesa, vinho e outros derivados (sucos de uva, destilados etc.). O vinho será examinado em maior profundidade não apenas por sua maior importância econômica, mas por ser o segmento em que se concentram os problemas de competitividade.

A produção mundial de vinho foi crescente até 1982, quando teve início a tendência declinante que persiste até o presente. O comportamento da produção de uvas foi similar, atingindo seus picos nos mesmos anos do vinho – 1979 e 1982 (Gráfico 1). A partir de então, o declínio na produção de uvas foi menos acentuado, indicando o aumento proporcional do consumo de uvas de mesa e de outros derivados que não o vinho. Tal tendência pode ser confirmada no Gráfico 2, que mostra a acentuada dissociação entre a produção de uvas e vinhos a partir da década de 1970.

Antes de analisar a evolução registrada no Gráfico 1, é fundamental observar que as quantidades produzidas de uvas abran-

Introdução

Panorama Internacional



gem os frutos de diversas espécies do gênero *Vitis*, ao contrário do vinho, extraído quase unicamente da *Vitis vinifera*, ou videira européia. De fato, segundo as poucas informações disponíveis, os únicos países em que o vinho é obtido principalmente de uvas americanas são o Brasil e o Paraguai. Vale ressaltar que as videiras americanas são espécies nativas da América do Norte, e não variedades da videira européia cultivadas naquele continente, a exemplo do que acontece com os vinhos da Califórnia (mais de 90% do vinho dos Estados Unidos são provenientes da *Vitis vinifera*). Embora se tenha conhecimento de vinhos elaborados a partir dessas uvas em diversos países, trata-se de produtos consumidos localmente, que geralmente não constam das estatísticas de produção. É importante frisar que os vinhos obtidos de uvas americanas têm propriedades organolépticas distintas das dos demais, podendo ser considerados como produtos diferentes dos vinhos de viníferas.

O mercado de vinho caracteriza-se pela grande complexidade, em virtude, entre outros motivos, da enorme diversidade dos tipos de vinho e da multiplicidade das legislações nacionais a respeito. Simplificando ao extremo, pode-se dividir esse mercado em dois segmentos principais: o de vinhos comuns, ou de mesa, e o de vinhos de qualidade.

A qualidade do vinho é muito influenciada pela qualidade das uvas, a qual, por sua vez, é fortemente dependente das condições de solo e clima. É importante salientar que o papel do clima, em produtos de alta diferenciação, como as uvas destinadas à vinificação, não se restringe apenas a variáveis de âmbito regional, como a precipitação pluviométrica e a temperatura, mas inclui variáveis locais, como, por exemplo, a insolação. Essa sensibilidade às variações locais das condições climáticas e do solo constitui-se no fundamento essencial do sistema de denominações de origem, particularmente usado na Europa, que delimita rigidamente as regiões produtoras de categorias específicas de vinho. O sistema pressupõe uma hierarquia das regiões de acordo com a qualidade dos produtos, sendo especialmente desenvolvido na França, onde as áreas produtoras de determinados vinhos são da ordem de alguns hectares.

É fácil perceber que tal sistema impõe – ao menos no caso dos vinhos de alta qualidade – barreiras à entrada quase absolutas, uma vez que novos produtores só podem ingressar no mercado eliminando outros, através da aquisição de suas terras. Assim, o desenvolvimento de novas regiões produtoras, como a Califórnia e a Austrália, ocorrido nas últimas décadas, foi baseado num conceito diverso, o de vinho varietal. Trata-se de diferenciá-lo não de acordo com o local de produção, e sim com a variedade de uva utilizada na sua elaboração.

Em contraste com os vinhos de qualidade, os comuns são obtidos de uvas que não procedem das regiões mais favoráveis à vinicultura, que não sejam das variedades mais valorizadas, ou que consistam em misturas de variedades. Além disso, as vinícolas frequentemente comercializam a parcela de menor qualidade de seus vinhos finos como vinhos comuns.

Os padrões de consumo dos vinhos de qualidade e dos demais são muito diferentes e apresentam variações regionais muito acentuadas, como será visto a seguir. De modo geral, é possível dizer que o vinho comum constitui-se num complemento alimentar, sendo consumido, nas regiões mais tradicionais, na maior parte das refeições diárias e pela maioria da população, incluindo a de menor renda. Os vinhos finos, ao contrário, são consumidos preferencialmente em ocasiões fora da rotina diária (comemorações, refeições fora do domicílio etc.) e pelas camadas de maior poder aquisitivo. Embora não haja disponibilidade de informações precisas, é praticamente certo que a queda na produção de vinho deve-se exclusivamente à

diminuição no consumo de vinhos comuns e que a produção – tanto em quantidade quanto em valor – dos vinhos de qualidade tem sido crescente.

A seguir, propõe-se um esboço de classificação das principais regiões produtoras e consumidoras de vinho, de acordo com as tendências das últimas décadas:

- Países em que o consumo de vinho está fortemente enraizado, podendo ser considerado complemento alimentar, tais como França, Itália, os da Península Ibérica e, na América do Sul, Argentina e Chile. O consumo nessas regiões era muito elevado até a década de 1960, tendo sofrido redução muito expressiva desde então (ver Tabela 1). A queda de produção ocorrida em tais países é, provavelmente, responsável pela maior parte do declínio global. Apesar disso, França, Itália e Espanha ainda são os maiores produtores do mundo, sendo importante acrescentar que, da mesma forma, são também os principais fornecedores de vinhos de alta qualidade.
- Países em que tanto a produção quanto o consumo são crescentes, como os Estados Unidos, a Austrália e a África do Sul.
- Países nos quais o consumo é expressivo mas a produção pequena ou inexistente, como os da Europa Setentrional. Esse grupo e o anterior constituem-se nos mercados mais dinâmicos, responsáveis não só por grande parte do crescimento do consumo de vinhos finos, mas também por muitas características desse consumo.
- Países nos quais o consumo de vinho é pouco expressivo, por questões de ordem econômica ou cultural (hábitos alimentares ou proibições de cunho religioso). Assim, por exemplo, o consumo *per capita* no Japão é de apenas 2 l/ano, apesar da alta renda de sua população, e vários países muçulmanos têm produção muito reduzida, a despeito das condições edafoclimáticas favoráveis. O Brasil, com consumo *per capita* inferior a 2 l/ano, encontra-se nesse grupo.

Tabela 1
Consumo Per Capita de Vinho – 1965, 1991 e 1999
(Em l)

PAÍSES	1965	1991	1999
França	117	67,0	58,70
Itália	109	60,3	54,15
Portugal	109	62,0	49,90
Espanha	63	39,8	39,48
Argentina	86	55,0	38,39
Chile	57	29,5	23,30

Fontes: FAO e Embrapa.

Além do vinho e das uvas de mesa, a vitivinicultura é composta por vários segmentos, como os de destilados de vinho (*brandy*), bagaceira, vinagre etc. Dentre tais produtos, somente será examinado neste artigo o suco de uva, por ser o único no qual o Brasil conta com potencial expressivo como exportador. De fato, ele pode ser obtido, sem qualquer problema de mercado, das variedades americanas e híbridas. A Tabela 2 mostra a composição das exportações de suco de uva nos últimos anos. A participação relativamente modesta do Brasil se deve, provavelmente, a razões de ordem microeconômica, como será visto adiante.

Tabela 2
Exportações de Suco de Uva – 1988/2002
(Em t)

ANOS	TOTAL	ITÁLIA	ESPAÑHA	ESTADOS UNIDOS	ARGENTINA	BRASIL	OUTROS
1988	265,5	64,9	18,3	51,3	19,9	4,6	106,5
1989	350,3	67,9	11,8	61,3	46,1	5,5	157,7
1990	481,2	56,1	111,4	70,5	75,0	6,2	161,9
1991	455,5	57,6	134,1	63,4	31,9	3,0	165,4
1992	474,1	77,3	86,6	86,9	38,4	9,7	175,2
1993	507,0	95,6	122,0	88,6	2,0	9,4	189,4
1994	492,1	132,8	71,6	65,1	12,4	6,6	203,6
1995	589,9	111,1	43,0	84,0	105,8	5,1	240,9
1996	546,2	100,0	33,0	96,7	103,7	5,7	207,1
1997	600,6	125,3	72,8	102,7	101,0	9,9	188,8
1998	552,9	120,8	87,9	97,8	38,6	6,5	201,3
1999	561,1	151,2	72,2	99,0	60,1	7,8	170,8
2000	522,2	146,0	65,0	98,1	48,2	8,8	156,1
2001	550,4	131,0	84,9	90,3	50,4	7,9	185,9
2002	588,9	141,9	98,0	88,1	78,2	6,8	175,8

Fonte: FAO.

As origens do cultivo da videira no Brasil remontam, segundo os registros históricos, ao século 16. Entretanto, como atividade significativa do ponto de vista econômico, a vitivinicultura origina-se com a colonização italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 1875. De início destinada ao consumo da região, a produção de uva e vinho expandiu-se gradativamente até atingir o mercado nacional. Paralelamente, a produção de uvas de mesa difundiu-se para outras regiões de clima mais favorável, como a de Jundiaí (São Paulo), enquanto a Região Serrana do Rio Grande do Sul manteve a preponderância – em mais de 90% – da produção de vinho.

A **Vitivinicultura** **no Brasil**

Das Origens a **1990**

Dois fatores explicam – além, é claro, do aumento da população – o crescimento da produção de vinho no período: em primeiro lugar, as importações do produto foram dificultadas pelas contingências da economia internacional, à semelhança do ocorrido com a economia brasileira como um todo; e, por outro lado, a organização dos produtores rurais da Serra Gaúcha em cooperativas, sobretudo na década de 1930, reduziu muito os custos de fabricação e, principalmente, de comercialização do vinho.

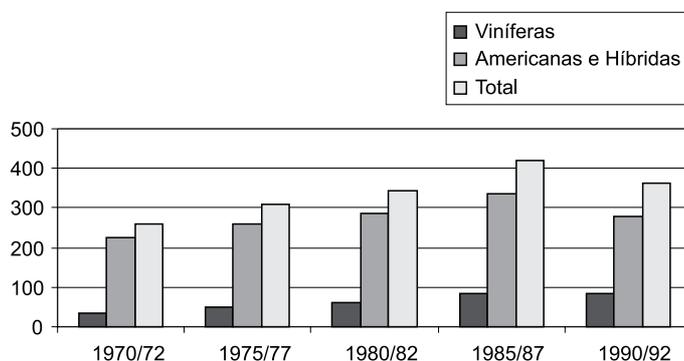
É importante salientar que o vinho brasileiro, ao longo de todo o período aqui considerado, era obtido, na quase totalidade, de uvas americanas ou híbridas de americanas com a *Vitis vinifera*. De fato, embora as temperaturas da Serra Gaúcha sejam adequadas à cultura da videira, a umidade regional é bastante elevada, especialmente no verão, o que é muito prejudicial à produção, com custos razoáveis, de vinhos de qualidade satisfatória. Isso levou os produtores locais ao cultivo das vinhas americanas, muito mais robustas e resistentes às pragas favorecidas pelo clima úmido. Assim originou-se o padrão brasileiro – quase único no mundo – de uma indústria vinícola apoiada essencialmente em uvas de espécies distintas da *Vitis vinifera*.

A indústria vinícola brasileira estava formada, no início da década de 1970, por empresas – quase todas de pequeno porte – e por cooperativas de produtores rurais. A maior parte da produção compunha-se de vinhos tintos procedentes de uvas americanas e híbridas, comercializados em garrações. O consumo nacional era baixo (menos de 2 l/ano por habitante) e não estava associado, de modo geral, a hábitos requintados, havendo pouco conhecimento sobre vinhos de qualidade – inclusive importados – por parte das camadas de maior poder aquisitivo. Havia, portanto, potencial de crescimento para o consumo de vinhos de vinífera.

Foi esse potencial que, provavelmente, motivou a entrada no país, naquela década, de vinícolas estrangeiras, subsidiárias de multinacionais do setor de bebidas, como Seagram, Martini & Rossi e Moët et Chandon. Fatores adicionais para esse interesse foram, sem dúvida, o grande dinamismo da economia brasileira na época e a elevada proteção tarifária prevalecente. As vinícolas estrangeiras dedicaram-se, essencialmente, a produzir vinhos de *Vitis vinifera*, estimulando seu consumo por meio de propaganda e *marketing*. Em consequência, o perfil do consumo de vinho no Brasil foi substancialmente alterado, passando os vinhos de vinífera de 15% para 23% do total (Gráfico 3).

É interessante observar que, apesar da mudança na composição, o crescimento do consumo total foi vegetativo, indicando a modesta participação do vinho no padrão de consumo alimentar da população brasileira.

Gráfico 3
Perfil do Consumo Nacional de Vinho – 1970/92
 (Em Mil t)



Fonte: Ibravin.

A cultura de uva está presente em diversos estados brasileiros, conforme se pode observar na Tabela 3. A produção de uvas para consumo *in natura* predomina em todos os estados, com exceção do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, onde a quase totalidade destina-se ao processamento industrial. É importante salientar que a produção de uva, no Brasil, tem crescido a taxas consideravelmente mais elevadas que as de vinho, à semelhança do mercado mundial (Tabela 4). A mesma tendência se verifica, com intensidade bem maior, nas exportações, como será visto adiante.

A Produção Vitivinícola Brasileira de 1990 até Hoje

O aumento na produção de uvas de mesa reflete, em boa medida, o êxito de trabalhos desenvolvidos pela Embrapa no sentido de adaptar o cultivo de videira a regiões de clima tropical. Isso é

Tabela 3
Área Plantada de Uvas no Brasil – 2000/02
 (Em ha)

ESTADOS	2000	2001	2002
Pernambuco	2.946	3.735	3.365
Bahia	2.238	2.768	2.732
Minas Gerais	804	843	950
São Paulo	10.425	11.128	12.152
Paraná	5.758	6.168	8.000
Santa Catarina	3.016	3.487	3.514
Rio Grande do Sul	34.156	34.682	36.668
Mato Grosso do Sul	88	90	s.i.
Mato Grosso	234	217	s.i.
Total	59.665	63.118	65.381

Fonte: Embrapa.

Tabela 4

Produção, Comércio Internacional e Consumo de Uvas no Brasil – 1995/2002

(Em t)

ANOS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	CONSUMO	
				Agroindústria	In Natura
1995	836.545	6.789	23.891	455.772	397.878
1996	730.885	4.516	58.817	313.331	442.945
1997	885.641	3.705	23.222	414.485	460.673
1998	736.470	4.405	36.492	348.523	410.034
1999	868.349	8.083	8.599	469.870	398.870
2000	978.577	14.343	9.903	549.306	424.831
2001	1.062.817	20.660	7.457	469.098	580.516
2002	1.120.574	26.357	11.003	506.799	598.421

Fonte: *Embrapa*.

particularmente verdadeiro no Vale do São Francisco, na divisa entre Bahia e Pernambuco, onde são obtidas uvas de mesa com a utilização de técnicas avançadas, em grande parte destinadas à exportação, com participação crescente de uvas apirênicas (sem sementes). Outras regiões de expansão do cultivo de uvas de mesa, como o noroeste de São Paulo e o município de Pirapora (Minas Gerais), foram igualmente beneficiadas pelas pesquisas da Embrapa.

A produção de vinho é muito mais concentrada que a de uva, já que, como foi anteriormente referido, o Rio Grande do Sul é responsável por mais de 90%. Em virtude da importância regional da viticultura, e à sua presença tradicional na economia do estado, as informações setoriais relativas ao Rio Grande do Sul são muito mais abrangentes e detalhadas que as do restante do país. Em vista disso, e da mencionada concentração, a análise feita a seguir baseia-se essencialmente em tais informações.

A produção no Estado do Rio Grande do Sul está fortemente concentrada (mais de 90%) na Região Serrana, que abrange, entre outros, os municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Flores da Cunha e Farroupilha. Trata-se de região de pequenas propriedades rurais, com área média de 15 hectares, dos quais 40% a 60% podem ser utilizados para a agricultura. O vinhedo médio tem apenas 2,5 hectares, a mecanização é dificultada pela topografia e a mão-de-obra é basicamente familiar (quatro pessoas por propriedade, em média).

A Serra Gaúcha tem dominado a viticultura brasileira desde o final do século 19. Assim, as características da região ajudam a explicar várias das particularidades dessa indústria no país. Dentre tais características, a mais importante, sem dúvida, é o clima. De fato, as condições climáticas – em especial umidade no período anterior

à colheita – representam sério obstáculo à obtenção de vinhos de boa qualidade, além de favorecerem a proliferação de pragas, que reduzem a produtividade agrícola.

Outra particularidade da Serra Gaúcha – já mencionada – é a grande fragmentação da propriedade da terra. Embora a predominância de pequenas propriedades não seja, em si, incompatível com a elaboração de vinhos de qualidade (isso se verifica em muitas regiões vinícolas européias), tal fragmentação contribui, nas condições brasileiras, para a elaboração dos custos de produção.

A estrutura fundiária regional reflete-se na estrutura industrial, caracterizada pela presença de mais de 500 pequenos produtores de vinho (capacidade inferior a mil l), que são conhecidos como cantinas. A maior parte desses produtores localiza-se na zona rural e enfrenta, como é natural, grandes obstáculos para a comercialização de seus produtos.

A Tabela 5 discrimina a produção de vinho segundo as diversas regiões do Rio Grande do Sul. Verifica-se de imediato que, apesar de haver indícios de difusão da viticultura para outras regiões do estado, a participação da Região Serrana ainda é muito elevada, com quase 99% do total. Cabe salientar, além disso, que 56% da produção do restante do estado são provenientes do município de Santana do Livramento e correspondem a um único fabricante.

A fabricação do vinho é relativamente simples, do ponto de vista dos processos industriais envolvidos, utilizando-se de pequeno número de equipamentos. O investimento na parte agrícola, ou seja, na formação dos vinhedos, é muito superior ao necessário para o processamento industrial, ou vinificação. Isso equivale a dizer que a viticultura não apresenta economias de escala importantes no que se refere à fabricação do vinho em si, o que por sua vez ajuda a explicar o grande número de fabricantes.

Tabela 5

Produção de Vinho no Rio Grande do Sul, por Região e Tipo de Uva

(Produção de Uvas em t)

	REGIÃO SERRANA	OUTROS MUNICÍPIOS	TOTAL
Viníferas	29.500	2.156	31.655
%	93,19	6,81	
Americanas	257.989	1.657	259.646
%	99,36	0,64	
Total	287.489	3.812	291.301
%	98,69	1,31	

Fonte: *Ibravin*.

A indústria vinícola sul-rio-grandense, a respeito da qual as informações são mais completas, pode ser dividida em três categorias:

- pequenos produtores (cantinas), em geral situados em áreas rurais;
- cooperativas de produtores; e
- produtores médios e grandes, que possuem características de empresas comerciais.

A produção e a comercialização de vinho foram dominadas longamente pelas cooperativas, que definiram os traços básicos do mercado, como a utilização de variedades americanas e híbridas, a venda em garrações e a preponderância dos vinhos tintos. A principal cooperativa é a Aurora, com sede em Bento Gonçalves, que processa mais de 10% do vinho brasileiro (cerca de 29 milhões de l em 2002).

Conforme registrado anteriormente, o panorama mudou na década de 1970, com a entrada de empresas estrangeiras, como a Seagram e a Martini & Rossi, o que contribuiu de forma expressiva para difundir no Brasil o consumo de vinhos de vinífera, comercializados em garrafas, e com predominância dos vinhos brancos.

Em decorrência da abertura comercial da década de 1990, registrou-se grande aumento das importações de vinhos, o que levou à contenção dos investimentos das multinacionais. Paralelamente, verificaram-se mudanças no gosto dos consumidores, das quais a principal foi a preferência maior pelos vinhos tintos. A combinação dessa mudança com a relativa saída das multinacionais favoreceu o crescimento de pequenas vinícolas regionais, que se destacavam pela qualidade de seus produtos, como, por exemplo, Miolo, Salton e Valduga.

Tabela 6

Penetração das Importações no Comércio de Vinhos Finos de Mesa no Brasil – 1993/2002

(Em Mil l)

ANOS	VINHOS DE VINÍFERAS			
	Nacionais	Importados	Total	Participação das Importações (%)
1993	49.916	11.979	61.895	19,4
1994	46.542	21.457	67.999	31,6
1995	40.195	28.102	68.297	41,1
1996	40.696	22.632	63.328	35,7
1997	40.442	24.018	64.460	37,3
1998	32.456	22.765	55.221	41,2
1999	37.096	26.415	63.511	41,6
2000	34.196	29.288	63.484	46,1
2001	28.702	28.015	56.717	49,4
2002	25.439	24.184	49.623	48,7

Fonte: Secex/DTIC/Uvibra.

A grande maioria desses fabricantes nacionais está situada na região conhecida como Vale dos Vinhedos, que faz parte dos municípios de Bento Gonçalves, Monte Belo do Sul e Garibaldi. Os vinhos produzidos na região obtiveram, em 2002, o direito ao selo de identificação de procedência geográfica, concedido pelo INPI, obrigando-se os produtores a cumprir uma série de requisitos. O selo, além de aumentar a competitividade dos vinhos da região, representa a primeira etapa no estabelecimento de uma denominação de origem.

Além do vinho, a viticultura do Rio Grande do Sul está na origem de numerosos produtos, conforme se pode observar na Tabela 7. Desses produtos, os mais relevantes são a aguardente de vinho (*brandy*), equivocadamente conhecida no Brasil como conhaque,¹ e o suco de uva. A aguardente, obtida pela destilação do vinho, é praticamente monopólio da Allied Domecq do Brasil (mais de 95% da produção brasileira). Quanto à produção de suco de uva,

¹O termo *conhaque* deve ser evitado, pois se trata do *aportuguesamento* da palavra *cognac*, a qual designa o destilado de vinho produzido na região francesa de mesmo nome.

Tabela 7

Comercialização de Vinhos e Sucos de Uva do Rio Grande do Sul – 1997/2001

(Em Mil l)

PRODUTOS	1997	1998	1999	2000	2001
Vinho Comum	174.768.638	181.576.649	200.578.746	221.023.603	221.518.224
Tinto	127.693.158	133.479.291	150.857.434	172.183.792	176.793.696
Rosado	13.550.872	12.980.172	13.221.934	9.150.927	7.283.912
Branco	33.524.608	35.117.186	36.499.378	39.688.884	37.440.616
Vinho Especial	790.617	194.075	234.696	249.345	492.272
Tinto	136.027	50.870	56.589	177.872	281.260
Rosado	145.144	2.074	112.392		12.833
Branco	509.446	141.131	65.715	71.473	198.179
Vinho de Viníferas	46.442.209	32.456.318	37.096.571	34.195.829	28.701.658
Tinto	18.303.579	11.925	14.706.398	15.119.076	12.112.495
Rosado	1.997.373	1.585.687	1.479.987	1.021.310	790.176
Branco	26.141.257	18.945.443	20.910.186	18.055.443	15.798.987
Espumantes	3.035.402	3.223.462	5.555.866	4.136.072	4.019.853
Espumantes Moscatel	19.222	29.712	50.670	194.723	474.162
Filtrado Doce	11.400.130	11.506.197	14.457.195	11.065.803	10.253.296
Frisantes	221.733	15.370	12.861	2.583	
Licorosos	756.557	1.655.907	1.013.137	1.110.159	957.388
Compostos	847.456	1.137.668	1.199.898	1.084.344	276.791
Mistelas	420.127	108.555	27.060		6.619
Jeropiga	78.504	49.339	71.800	66.197	66.824
Suco de Uvas	4.996.959	9.025.797	7.778.310	6.847.466	11.498.893
Suco de Uvas Concentrado	16.724.519	13.944.137	16.261.806	15.315.971	14.704.091
Mosto Sulfitado			88.000	180.900	369.070
Mosto Concentrado	124.870				
Cooler	4.571.501	5.764.233	9.424.282	10.847.415	10.994.658
Sangria					99.260
Total	265.198.444	260.687.419	293.850.898	306.320.410	304.433.059

Fonte: Embrapa.

73% correspondem ao suco concentrado, que, à semelhança do *brandy*, tem sua produção dominada por uma única empresa (mais do 90% do total), a Tecnovin, que fabrica igualmente sucos de outras frutas, como maçã, laranja e limão. Uma das razões para a existência desse monopólio de fato é, sem dúvida, a densidade de capital da indústria de suco concentrado, bem superior à da produção do vinho e dos demais derivados da uva.

O potencial de crescimento da produção de suco de uva brasileiro é considerável, em particular no que se refere às exportações de suco concentrado. Com efeito, o suco pode ser fabricado a partir das uvas americanas e híbridas, assegurando vantagens competitivas aos países em que são cultivadas, como o Brasil.

O restante do vinho brasileiro é elaborado em três regiões, descritas a seguir:

- No Vale do São Francisco, paralelamente à produção de uvas de mesa, estão implantados cerca de 800 hectares de uvas de variedades européias, dos quais 520 hectares estavam produzindo em 2001. Ao contrário do que ocorre com as uvas de mesa, o vinho da região destina-se ao mercado doméstico.
- Na região de São Roque, em São Paulo, o vinho é obtido de variedades americanas e híbridas. Cabe observar que grande parte do vinho engarrafado em São Paulo origina-se no Rio Grande do Sul, sendo comercializado e transportado a granel.
- As regiões de Caldas, em Minas Gerais, e do Vale do Rio do Peixe, em Santa Catarina, assemelham-se à de São Roque, com a ressalva de que em alguns municípios de Santa Catarina foi implantada recentemente uma pequena área de videiras européias.

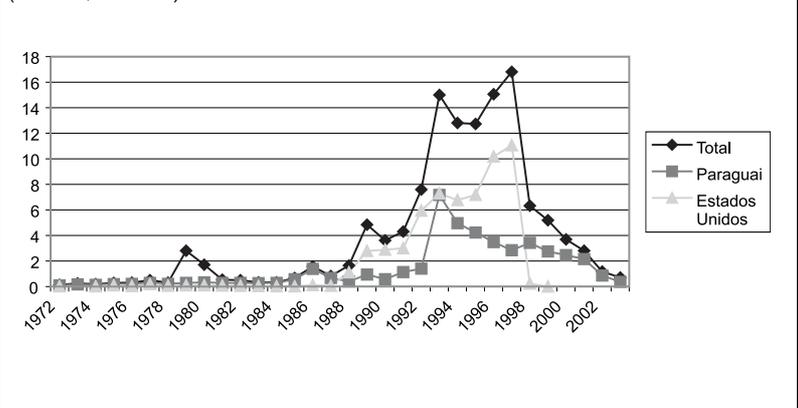
Comércio Internacional

Exportação

O valor das exportações brasileiras de vinho tem sido muito reduzido, já que, historicamente, não ultrapassa o patamar de US\$ 1 milhão. As exceções ocorreram nos períodos 1979/80 (quando houve um surto de vendas para Angola, logo interrompido) e 1988/97 (quando a elevação nas exportações pode ser explicada pelo esforço exportador da Cooperativa Vinícola Aurora, que tentou penetrar no mercado norte-americano).

Como mostra o Gráfico 4, em 1998 esse ciclo se encerra, pois os esforços da empresa não obtiveram o êxito desejado. Nos anos subsequentes, ainda há vendas expressivas ao Paraguai, mas já em 2002 os níveis gerais voltam ao padrão, ou seja, igual ou inferior a US\$ 1 milhão por ano.

Gráfico 4
Exportações Brasileiras de Vinho – 1972/2003
 (Em US\$ Milhões)

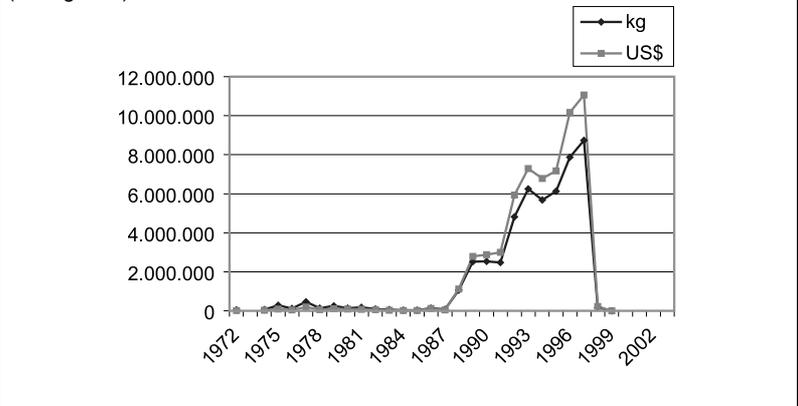


Destaca-se ainda a participação do Paraguai no total das exportações brasileiras, o qual, em quilos, respondeu por 56% das exportações totais de 1972 a 2003 e, em dólares, por 36% do total. Desconsiderando o período de exportações da Aurora, esses valores sobem para 64% e 57%, respectivamente. Esse alto percentual pode ser explicado pelo fato de o Brasil e o Paraguai serem os únicos países nos quais os vinhos de uvas americanas e híbridas são predominantes.

O Gráfico 5 mostra que o valor por quilo das vendas aos Estados Unidos é relativamente elevado, sendo superior a US\$ 1/kg no período de operação da Aurora. Isso indica que o vinho exportado era de qualidade superior ao tradicionalmente exportado.

Os valores relativos à exportação de uvas frescas e suco de uva revelam um dado surpreendente: na média, o valor por quilo

Gráfico 5
Vendas aos Estados Unidos – 1972/2003
 (Em kg/US\$)



é muito superior ao das exportações de vinho. As uvas têm a média de US\$ 1,28/kg, muito acima dos US\$ 0,75/kg do vinho, enquanto o suco de uva apresenta coeficiente de US\$ 1,35/kg.

Destaca-se também o fato de que, nos últimos cinco anos, as exportações de vinho foram de apenas US\$ 13 milhões e 24 mil toneladas, enquanto as de suco de uva chegaram a 36 mil toneladas e US\$ 59 milhões e as de uvas frescas atingiram 105 mil toneladas e US\$ 136 milhões. As pesquisas da Embrapa, ao viabilizarem o cultivo da videira em regiões tropicais, em especial no Vale do São Francisco, explicam o imenso crescimento das vendas externas de uva.

Gráfico 6
Exportações de Uva – 1972/2003
(Em kg/US\$)

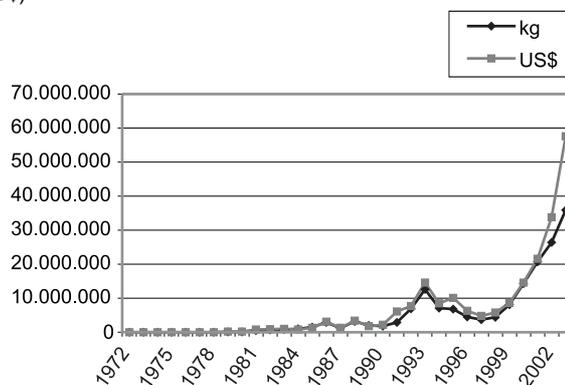
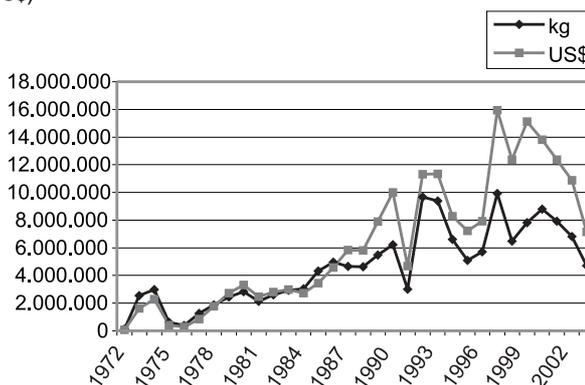


Gráfico 7
Exportações de Suco – 1972/2003
(Em kg/US\$)



Importação

As importações brasileiras de vinho cresceram de forma significativa na última década. Com efeito, enquanto a média histórica, até o início da década de 1990, era inferior a US\$ 20 milhões (correspondendo a menos de 10 mil toneladas), as importações atingiram, em 2000, quase US\$ 80 milhões (mais de 30 mil toneladas). Essas importações estão concentradas em apenas cinco países: Chile, França, Itália, Portugal e Argentina corresponderam a 90% do total em 2003 (Tabela 8).

Destaca-se o crescimento das importações do Chile, França e Itália, que passaram de cerca de US\$ 1,5 milhão cada no fim da década de 1980 para mais de US\$ 11 milhões cada em 2003 (Gráfico 9). Outro país que se destaca é a Argentina, que apresenta forte crescimento a partir de 1994 e figura entre os cinco maiores em 2003.

A relação US\$/kg, no Gráfico 10, mostra que os produtos mais caros (e provavelmente de maior qualidade) vêm da França. Em 1987, as importações chegaram à média de US\$ 8,80/kg e atualmente oscilam em torno de US\$ 4/kg. A Itália apresentou índice

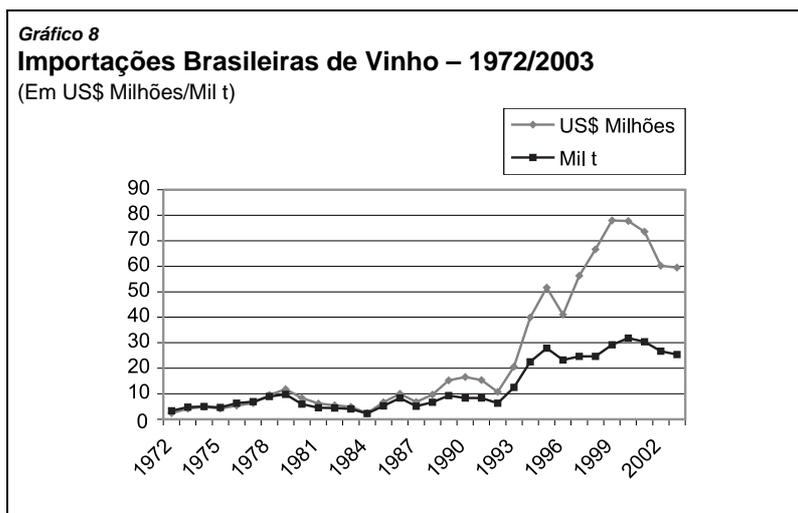
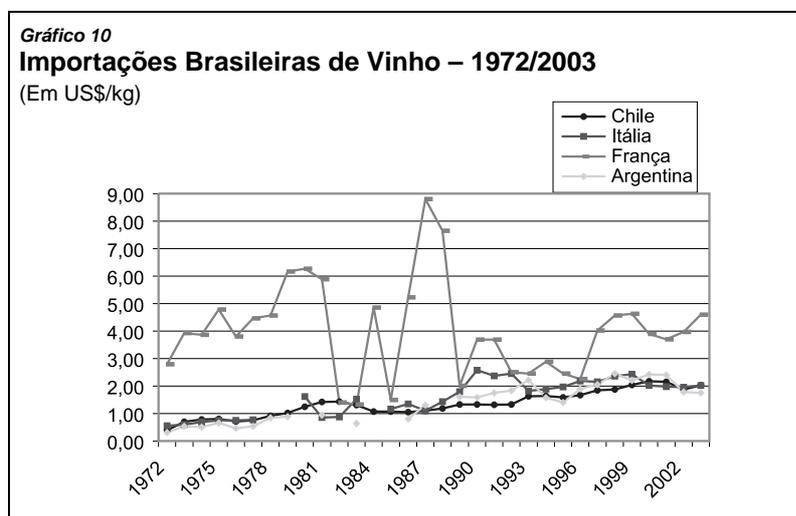


Tabela 8
Importações Brasileiras de Vinho, por Países – 2002/03
 (Em US\$ Mil)

PAÍSES	2002	2003
Chile	11.647	13.682
França	12.008	12.175
Itália	14.432	11.003
Argentina	6.942	8.498
Portugal	8.649	8.410
% do Total	89,2	90,4



próximo a US\$ 2,5/kg, com leve tendência de queda a partir de 1990. O Chile, além de se tornar a principal fonte das importações brasileiras, apresentou um constante aumento nessa relação, indicando uma melhora na qualidade do produto. Por fim, a Argentina tem os produtos mais baratos, com coeficiente próximo a US\$ 1,5/kg e tendência de alta.

A comparação com os coeficientes das exportações mostra o baixo preço relativo do vinho brasileiro. Enquanto as exportações atingem, no seu melhor ano, US\$ 1,05/kg, as importações têm média de US\$ 1,94/kg, com o pico de US\$ 8,80/kg da França em 1987. O fato de o Brasil utilizar uvas americanas e concentrar suas vendas ao Paraguai indica que dificilmente esses índices serão revertidos.

Padrões de Consumo

Antes de discutir os padrões de consumo de vinho no Brasil, é interessante examinar rapidamente a legislação referente aos derivados de uva. De acordo com a Lei 7.678, de 8 de novembro de 1988 (conhecida como Lei do Vinho), e o Decreto 99.066, de 8 de março de 1990, que a regulamenta, os vinhos são classificados da seguinte forma:

- comuns e de consumo corrente;
- finos ou nobres;
- espumantes; e
- frisantes.

Na prática, os vinhos comuns são provenientes das uvas americanas ou híbridas, os finos da *Vitis vinifera* e os especiais representam misturas desses dois tipos. Os espumantes apresentam gás carbônico resultante da segunda fermentação, assim como os frisantes, que se distinguem pela pressão inferior do gás.

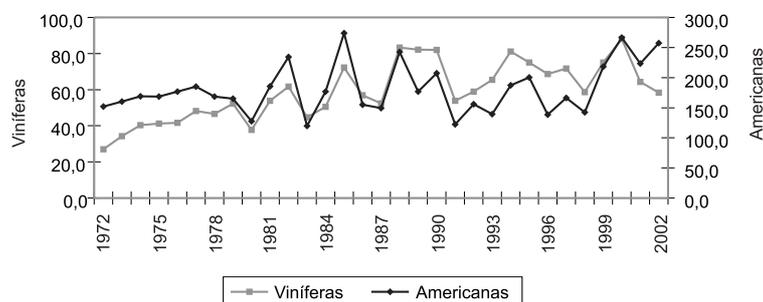
O consumo de vinho no Brasil tem flutuado entre 1,5 l e 1,8 l por habitante/ano, registrando crescimento vegetativo nos últimos 30 anos. A evolução dos dois segmentos, entretanto, foi muito diversa, em particular no período 1970/90. De fato, o consumo de vinho comum ficou praticamente estável no período, enquanto o de vinhos finos (isto é, de *vinifera*) teve aumento expressivo, em virtude da produção doméstica, já que as importações eram, então, muito pequenas (Gráfico 11).

É fundamental observar, contudo, que as informações do Gráfico 11 referem-se ao consumo aparente, não refletindo a forma pela qual o vinho chega ao consumidor. Tal distinção é muito impor-

Gráfico 11

Consumo Nacional de Vinhos: Viníferas x Americanas – 1972/2002

(Em Milhões de l)



Fonte: Embrapa/CNPUV. Elaboração própria.

tante, uma vez que era freqüente a comercialização de misturas de vinhos comuns e finos (vinhos especiais). O comportamento do segmento de vinhos finos é melhor traduzido pelo Gráfico 12, que mostra a profundidade das mudanças ocorridas na comercialização na década de 1970.

Ao analisar o consumo de vinho no Brasil, é preciso levar em conta que os mercados de vinhos comuns e finos são completamente diferentes. Os comuns, destinados a camadas sociais de renda relativamente baixa, podem ser considerados *commodities*, no sentido de serem aproximadamente homogêneos os vinhos de diversos produtores. A forma de comercialização mais freqüente – em garrações – visa reduzir o custo da embalagem, indicando que o preço é elemento decisivo para o consumo desses vinhos.

Os vinhos finos, ao contrário, são altamente diferenciados, como já foi observado. É mesmo possível dizer que a diferenciação dos vinhos de qualidade foi muito intensificada nas últimas décadas, em particular nos mercados menos tradicionais, como o dos Estados Unidos. Num processo cuja análise encontra-se fora do escopo do presente artigo, o comportamento dos consumidores desses mercados mudou radicalmente, o que é comprovado pela grande difusão de informações sobre enologia (cursos, revistas especializadas etc.).

O mercado brasileiro, como seria de esperar, tem sido muito influenciado pelas tendências mencionadas. Enquanto na década de 1970 era comum a mistura de vinhos de vinífera e de uvas americanas, na atualidade o comprador de vinhos finos procura se informar a respeito de sua procedência e das variedades de uva utilizadas, entre outros fatores. Essa mudança de comportamento provavelmente será duradoura, já que reflete alterações nos hábitos de consumo mais gerais da sociedade brasileira.



O aumento do nível de informação do mercado foi responsável igualmente por modificações na composição da demanda por vinhos finos. Assim, a demanda por vinhos brancos e tintos, que até recentemente era bastante favorável aos brancos, atualmente se encontra equilibrada, com tendência de crescimento maior da demanda por tintos. No caso dos vinhos comuns, o consumo dos tintos sempre foi muito superior ao dos brancos.

A principal mudança verificada no consumo na última década, porém, foi a penetração dos vinhos importados, em decorrência não somente da política de abertura comercial, mas também das dificuldades enfrentadas pela indústria brasileira na competição com os produtos importados. Isso se deve, em grande medida, aos custos de produção do Brasil, motivados, basicamente, como já observado, pelas condições edafoclimáticas pouco favoráveis. A competição com os vinhos argentinos é particularmente ameaçadora, por várias razões:

- a Argentina é um dos maiores produtores do mundo;
- o Mercosul impede a eventual adoção de medidas protecionistas por parte do Brasil; e
- as taxas de câmbio atuais não afetam a competitividade dos produtos argentinos no Brasil.

Com o objetivo de estimular o consumo de vinho no Brasil, diversas entidades do setor vitivinícola têm apresentado propostas para aumentar a competitividade do produto brasileiro. Além de mudanças na legislação fiscal, a maior parte das medidas sugeridas visa diminuir os custos de comercialização, em particular os de embalagem, que, de acordo com Lapolli *et alii* (1995), representam 32% do preço no atacado dos vinhos finos e 18,5% do preço dos comuns (em garrações). Haveria, portanto, espaço para a redução desses preços, através, por exemplo, da substituição das garrafas por embalagens *tetrapack* e da adoção de rolhas plásticas.

Segundo as definições aceitas pelo BNDES, um arranjo produtivo local é uma concentração em área relativamente bem delimitada de empresas e instituições de determinado setor, distinguindo-se, além disso, por redes de cooperação que estimulam a difusão de inovações, aumentam o poder de barganha com os fornecedores e reduzem os custos de estocagem, comercialização e distribuição.

À luz dos conceitos referidos, é razoável admitir que vários dos elementos constitutivos dos arranjos produtivos estão presentes na região vinícola da Serra Gaúcha: há concentração da produção,

O Arranjo Produtivo em Potencial

pois a região é responsável por mais de 90% dos vinhos produzidos no Brasil e por mais de 95% da produção do Rio Grande do Sul; e, além disso, no interior da região a produção é muito concentrada em alguns municípios, como Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Garibaldi e Ferroupilha.

A região distingue-se igualmente pela atração de diversas entidades representativas de produtores e fabricantes de vinho, o que é indício de cooperação. A mais importante é o Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), que tem a atribuição de administrar o Fundovitis, instituído pela legislação estadual, cujos recursos provêm de uma taxa de 1% sobre o valor da uva processada na viticultura. Cabe destacar em especial o papel da Embrapa Uva e Vinho no aprimoramento da vitivinicultura da região.

Finalmente, é preciso fazer referência a um aspecto relevante, embora de qualificação muito difícil. Trata-se das tradições culturais da região, vinculadas à imigração italiana relativamente recente, nas quais a vitivinicultura tem alto valor simbólico. Paralelamente, as tradições culturais dos imigrantes estão na origem de atividades associacionistas intensas, que favorecem a constituição do arranjo produtivo local.

As características da região levaram a administração do BNDES, em setembro de 2003, a celebrar um protocolo de intenções com a Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, o Ibravin e o Banco do Brasil, com o objetivo de fortalecer o arranjo produtivo de vitivinicultura do estado.

Entretanto, a despeito das considerações feitas anteriormente, ainda não é possível classificar como um arranjo produtivo local a Região Serrana do Rio Grande do Sul, onde de fato ainda não se encontra um dos pressupostos essenciais desse tipo de organização, ou seja, a cooperação entre os produtores regionais. Dentre os motivos dessa falta de cooperação, é importante mencionar os interesses potencialmente conflitantes dos fabricantes de vinhos comuns e finos. Com efeito, o segmento de vinhos comuns conta com demanda razoavelmente assegurada, embora seu futuro a longo prazo seja incerto, podendo esperar, na melhor das hipóteses, crescimento vegetativo, enquanto o segmento de vinhos finos, que se defronta com sérios problemas de competitividade, tem seu principal interesse de longo prazo no estabelecimento de uma região demarcada, diferenciando-se dos vinhos comuns.

Conclusões e Recomendações

A situação da vitivinicultura brasileira reflete, com maior intensidade, o que ocorre com o setor em âmbito mundial. Enquanto o consumo nacional *per capita* de uvas de mesa é crescente, tendo passado de 2,27 l para 3,42 l entre 1996 e 2002, o de vinho mante-

ve-se estável. O consumo de vinhos obtidos da *Vitis vinifera* é cada vez mais dependente das importações, que já correspondem a cerca da metade do total.

É possível afirmar, portanto, que a cultura da videira está satisfatoriamente adaptada ao país, inclusive em regiões tropicais, o que é comprovado pelas exportações de uvas de mesa. A produção de vinho, ao contrário, enfrenta atualmente problemas de competitividade no mercado doméstico e sofre de séria fragilidade estrutural: mais de 80% da produção consistem em produtos considerados inferiores e praticamente sem similar no mercado internacional.

As perspectivas da vitivinicultura brasileira estão intimamente relacionadas ao futuro da indústria vinícola do Rio Grande do Sul, em particular da Região Serrana, o que por sua vez será determinado pelo comportamento do mercado doméstico. As grandes alterações nos padrões de consumo de vinho ocorridas nos últimos anos implicam dificuldades nada desprezíveis para o pleno desenvolvimento da indústria vinícola brasileira. De fato, a difusão crescente dos conhecimentos enológicos significa maiores exigências por parte dos consumidores de renda mais alta, em termos de qualidade e preço, que são melhor atendidas pelas importações (sobretudo da Argentina) do que pelos produtores nacionais.

Com relação ao futuro da indústria, pode-se admitir que ela deverá evoluir em linhas gerais de acordo com um dos três cenários a seguir:

- Na hipótese de haver preferência do consumidor de menor renda pelos vinhos de uvas americanas, a segmentação atual do mercado deverá persistir: crescimento vegetativo do consumo desses vinhos e aumento gradual da penetração das importações no segmento de vinhos finos.
- Se, ao contrário, a demanda atual por vinhos comuns se deve à insuficiência de renda dos consumidores, é provável que tal demanda se reduza com o crescimento da economia brasileira. Os problemas que tal situação traria para a agricultura da Serra Gaúcha poderiam ser minimizados pelo direcionamento das uvas para a produção de suco, ou pela substituição dos vinhedos por outras culturas de clima temperado.
- Uma variante da hipótese anterior seria o crescimento do consumo de vinhos finos brasileiros, em decorrência do aumento de sua competitividade face aos importados. Duas formas possíveis de se atingir esse objetivo seriam a redução do custo da embalagem ou a expansão do cultivo em regiões mais próprias que a Serra Gaúcha.

Definir a viabilidade desses cenários – ou de outros que possam ser propostos – é tarefa de considerável complexidade,

exigindo, por exemplo, pesquisa direta junto aos vários segmentos dos mercados de vinho e de outros derivados de uva. Assim, levando em conta o interesse do BNDES na consolidação do arranjo produtivo da Região Serrana do Rio Grande do Sul, sugere-se que seja realizado, com recursos do Banco, estudo de mercado detalhado sobre as perspectivas da vitivinicultura brasileira, com ênfase nos segmentos de vinhos finos e comuns.

Referências Bibliográficas

- ALICEWEB. Banco de dados disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>, acesso em 28 de janeiro de 2004.
- CEPAN/UFRGS-IBRAVIN. *A uva e o vinho no Brasil: perfil da atividade e fontes de recursos*. Rio Grande do Sul, out. 2003.
- DIVISÃO DE ENOLOGIA/DPV/SSA-IBRAVIN. *Cadastro vínculo do Rio Grande do Sul – 2001/2002 – versão 1.0 – Bento Gonçalves*. 1 CD-ROM, 2002.
- EMBRAPA UVA E VINHO. Banco de dados disponível em <http://www.cnpuv.embrapa.br>, acesso em 28 de janeiro de 2004.
- FAO STATISTICAL DATABASES. Banco de dados disponível em <http://apps.fao.org>, acesso em 28 de janeiro de 2004.
- LAPOLLI, J. N., *et alii*. *A competitividade da vitivinicultura brasileira: análise setorial e programa de ação com destaque para o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Banrisul/Embrapa-CNPUV/Sebrae/RS, 1995.
- MELLO, L. M. R. de. *Atuação do Brasil no mercado internacional de uvas e vinhos – panorama 2002*. Disponível em <http://www.cnpuv.embrapa.br>, acesso em 28 de janeiro de 2004.
- _____. *Produção e comercialização de uvas e vinhos – panorama 2002*. Embrapa Uva e Vinho, [s.d.] [s.l.].
- _____. *Produção e comércio mundial de vinhos*. Embrapa Uva e Vinho, [s.d.] [s.l.].
- _____. *Tendência de consumo e perspectivas do mercado de vinhos no Brasil*. Embrapa Uva e Vinho, [s.d.] [s.l.].

Entrevistas

Carlos Raimundo Paviani (Ibravin), novembro de 2003.

José Fernando da Silva Protas (Embrapa), novembro de 2003.